

Antígonas

De um ponto determinado em diante, não há mais retorno.

Este é o ponto a ser alcançado.

(Franz Kafka, *Aforismos de Zürau*)

À guisa de introdução

No esteio de uma extensa investigação sobre a tragédia sofocliana *Antígona* (Vorsatz, 2013) realizamos um recenseamento sucinto dos principais autores que trataram desta tragédia sofocliana, que caracteriza o objeto e o objetivo do presente trabalho. Entretanto, cabe assinalar que não pretendemos efetuar um exame exaustivo – o que constituiria, em si mesmo, em estudo à parte. Esta tragédia de Sófocles vem merecendo inúmeros e relevantes comentários por parte dos mais insignes helenistas, assim como de renomados filósofos. Contudo, no campo da psicanálise – à parte as considerações efetuadas por Lacan, introdutoras da problemática trágica neste campo – não encontramos um número significativo de referências que discutissem a problemática ética assinalada por Lacan. Procuramos discutir com os autores citados desde a perspectiva da psicanálise, indissociável do comentário de Lacan a propósito desta tragédia.

No biênio 1959-60 Jacques Lacan dedica um de seus seminários anualmente proferidos no âmbito da formação de analistas da Sociedade Francesa de Psicanálise¹ a até então inédita questão de uma ética própria ao campo psicanalítico. Neste seminário, destaca a dimensão trágica da experiência analítica a partir de Antígona, personagem-título da tragédia homônima de Sófocles. Tradicionalmente, o campo da ética pertence ao domínio da filosofia, cujo marco zero pode ser situado com a reflexão aristotélica, no século IV a. C. Entretanto, é em relação à tragédia sofocliana – concebida um século antes do surgimento da reflexão filosófica – que Lacan vai demarcar o fundamento de uma ética própria à psicanálise como sendo referida ao desejo, isolado por Freud enquanto constituindo o campo do *Wunsch*.

O encaminhamento de Lacan a propósito da ética da psicanálise tem como marco a retomada desta tragédia sofocliana, de modo a destacar a inarredável posição ética que orienta sua principal personagem. De acordo com ele, a ética que concerne a psicanálise “(...) não é uma especulação que incide sobre a ordenação (...) do que chamo de serviço

dos bens. Ela implica (...) a dimensão que se expressa no que se chama experiência trágica da vida. É na dimensão trágica que nossas ações se inscrevem (...)” (Lacan, 1959-60/1988, pp.375-376). De saída, Lacan assinala que a contrapelo do encaminhamento filosófico sobre a ética, a perspectiva psicanalítica não é uma especulação, tampouco se encontra orientada pelo bem. Antes, diz respeito a uma experiência, à ação, cuja dimensão é fundamentalmente trágica.

Ao afirmar que a ética da psicanálise não diz respeito a uma especulação Lacan (1959-60/1988, pp. 375-376) retira qualquer possibilidade de fazer desta uma consideração teórica de caráter abstrato. Esta tampouco diria respeito ao acesso a um bem. Ao contrário, Lacan fundamenta a ética da psicanálise numa experiência, isto é, no terreno da ação (e não do pensamento) cuja dimensão trágica trata-se de fazer ressaltar. Nesta - a dimensão trágica – a ação humana não visa qualquer espécie de ganho, mas se inscreve em perda, por meio de um ato e não referida à intencionalidade. Este é o passo ético empreendido por Antígona, personagem trágica do século V a. C., que Lacan elege como paradigma da relação do sujeito ao campo do desejo inconsciente.

* * *

In: *Poesia e prosa em diálogo com a clínica psicológica*. Rio de Janeiro: Ed. IFEN, 2021.